

Falta de estímulo é principal queixa

“De um modo geral, os diretores têm um ideal de fazer educação. Mas com a falta de estímulo e condições materiais, além de nenhum incentivo financeiro, poucos querem o cargo”. A afirmação é do diretor do Complexo Escolar A de Sobradinho, Walter Machado. Ele foi eleito em 1985, mas desde 1964, ocupa a direção de escolas da Fundação Educacional, tendo ajudado na implantação da descentralização administrativa, hoje representada pelos complexos escolares.

Machado revela quanto ganha de gratificação para ocupar a diretoria do Complexo: Cr\$ 1 mil 728. “A gratificação de todos de es-

cola é ainda menor e são poucos os que querem assumir tamanha responsabilidade”. Para ele, apesar de haver maior integração entre professores, alunos, funcionários e diretores nas escolas públicas atuais, o desinteresse pela chefia destas escolas está sendo detectado com facilidade. “Outro motivo podem ser as exigências feitas para o cargo, como o tempo mínimo de três anos e o curso em administração escolar”, disse.

Quanto ao problema das escolas rurais, ainda mais problemáticas que as urbanas, ele explica que tem “batalhado” junto à FEDF para que haja uma refor-

mulação curricular e também do calendário escolar. “Em duas épocas do ano, plantio e colheita, há uma evasão marcante destas escolas. Os alunos precisam ajudar os pais. Propusemos que a Fundação modifique o ano letivo, transformando-o em semestres. Assim, poderia haver aulas não em 180 dias, mas em 100 dias, com regime de tempo integral, entre os meses de abril e setembro”, esclareceu o diretor.

Ele avalia que estas escolas também requerem um tratamento diferenciado em relação ao método pedagógico. “Até para motivar os alunos. Uma espé-

cie de dinamização centralizada seria um avanço para subsidiar melhor, didaticamente, os professores que não estão preparados para assumir estas escolas”, pensa Machado. Acrescenta que a escola rural é o grande desafio de sua gestão no Complexo.

E é justamente na zona rural que se encontra a maior evasão, não só de alunos, mas também de professores. São poucos os que trabalham pela própria vontade. A maioria pleiteia a remoção para as zonas urbanas, mais próximas de onde residem e onde os alunos estão mais adaptados à realidade destes profissionais.